

**A LINGUAGEM DO EXISTENCIALISMO  
TROMPETE, JAZZ E PATAFÍSICA**

*Deise Quintiliano Pereira (UERJ)*  
[deisequintiliano@uol.com.br](mailto:deisequintiliano@uol.com.br)

O existencialismo pode ser compreendido como um movimento filosófico e político que atinge seu apogeu, sobretudo nos anos 1950. Defendendo a primazia da existência sobre a essência, a inexorabilidade da liberdade responsável e o engajamento pessoal dos indivíduos, essa corrente de pensamento revela-se bastante complexa à medida que inaugura, também, um novo estilo de vida.

Os existencialistas franceses mais célebres, como Sartre, Simone de Beauvoir, Merleau-Ponty, Raymond Aron são personagens midiáticos por excelência, o que aproxima suas ideias, cada vez mais, de um público não-intelectual, produzindo um fenômeno inédito — o existencialismo torna-se uma moda de exportação e dita uma nova maneira de comportamento.

Graças ao existencialismo, Paris recupera o título de capital cultural do mundo e esse processo perdura de quatro a cinco anos. Do corte de cabelos, na ordem do dia, às canções embaladas pela voz metálica de Juliette Gréco, passando pelo som do trompete de Boris Vian, o existencialismo afirma-se como uma produção sócio-cultural de uma época cuja palavra-chave era “liberação”.

As numerosas “caves” de Saint-Germain-des-Prés constituíram o espaço de reunião e troca de informações onde os existencialistas sentiam-se liberados para revelar seu lado “zazou”. Os “zazous” não eram nem filósofos, nem políticos, mas compunham um movimento de repúdio burguês ou pequeno burguês, tendo por única referência cultural o *jazz* americano e o próprio movimento existencialista, tornado mais intelectual a partir de 1944.

Parece que os alunos de Sartre, nos anos de ocupação alemã, conheceram os “zazous” e, no pós-guerra, superando o discurso de culpabilidade pétainista, decidiram continuar a fazer a festa na grande confraternidade de Saint-Germain-des-Prés.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

No outono de 1945, observa Simone de Beauvoir, que o existencialismo estava em todas as bocas: “Foi [...] uma ofensiva existencialista que, sem termos planejado, deflagramos nesse início de outono” (Beauvoir, 1963, p. 50).

A visão de Beauvoir expressa a força de uma nova realidade que invade a França, no momento histórico do pós 2ª Guerra. O existencialismo eclode na França, fervilhando nos espaços públicos, nas conversas sociais, na imprensa, nas ruas. Sartre publica *A idade da razão* (1945) e *Sursis* (1945). Em outubro de 1945, o filósofo apresenta a célebre conferência *O existencialismo é um humanismo* (Sartre, 1946), anunciada, de fato, sob a forma de pergunta: “*O existencialismo é um humanismo?*”, na qual a afluência foi tamanha que mulheres desmaiavam.

Esse é também o ano do lançamento da revista *Les Temps Modernes*, espécie de tribuna de livre opinião, dirigida por Sartre, que nos permite aceder às ideias político-filosóficas dos existencialistas. Com seu aparecimento, o existencialismo penetra fortemente não apenas na cena intelectual francesa, mas em toda existência pública.

A França descobre Sartre, já transformado em celebridade e autor de uma diversificada obra sobre a filosofia da existência, edificada desde 1925. A imprensa da época encarregou-se de reunir a intensa produção literária e as ideias que a sustentavam com a efervescência que conhecia, então, o bairro que se estendia ao redor da igreja de Saint-Germain-des-Prés, transformada na “catedral de Sartre”.

A maioria dos jovens que frequentava o Tabou ou o Clube Saint-Germain só possuía de “existencialista” o nome, pois o “village existencialista” foi, em grande parte, uma invenção dos jornais *Samedi soir* e *France Dimanche*. A atitude desses jovens era muito mais tributária de uma necessidade de desafoço, característica comum dos períodos de pós-guerra, do que decorrente de uma leitura assídua de *O ser e o nada* (Sartre, 1943).

O filme de Jacques Backer, *Rendez-vous de juillet*, explicitou mais detalhadamente, alguns anos mais tarde, a sensibilidade desses jovens, do que os artigos sensacionalistas que associavam as “caves” de Saint-Germain-des-Prés e os textos de Sartre ou de Merleau-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Ponty, os Deux Magots e o Tabou, Raymond Queneau, Boris Vian e Juliette Gréco.

Segundo Jean Kanapa:

*Existencialista e existencialismo* eram palavras em moda após a segunda Guerra Mundial, particularmente no espaço intelectual de Saint-Germain-des-Prés. *Existencialista* servia para qualificar uma maneira de pensar e viver. Um(a) existencialista era aquele(a) que pensava e vivia assim: “abordávamo-nos nos salões com a fórmula: você é existencialista?”. Saint-Germain-des-Prés inteiro fervilhava com o ruído das páginas de *Temps Modernes*, febrilmente folheadas. (Kanapa, 1947, p. 11)

Em seu diário, Jean Cocteau observa, com humor, em 16 de julho de 1951: “*Os existencialistas*: nunca se viu um termo afastar-se tanto do que ele expressa. Não fazer nada e beber nas adegas é ser existencialista. É como se existisse em Nova York relativistas que dançassem nas “caves” e que se acreditasse que Einstein dançava com eles”.

A consequência mais imediata desses fatos é que se verifica uma afluência inédita de turistas na França e o existencialismo alcança rapidamente uma notoriedade mundial.

Mais amplamente, como destacará Simone Beauvoir em *A força das coisas* (1963), é a literatura francesa que se tornará inteiramente, por efeito de contágio, um produto de exportação, do mesmo modo que a alta costura, gênero exportável que será impregnado pelos debates políticos dos anos do imediato pós-guerra.

A revista *Magazine littéraire*<sup>30</sup> dedica um número especial a esse tema. Nesse fascículo, Michel Contat, diretor de pesquisas do CNRS (Conselho Nacional de Pesquisas Científicas), crítico literário do jornal *Le Monde* e crítico musical na *Télérama*, especialista incontestável de Sartre, estabelece relações efetivas entre as bases do movimento existencialista e certo modo de comportamento, que tem suas origens determinadas pelo próprio existencialismo.

O crítico explica o que representou o existencialismo, ao mesmo tempo como uma filosofia e como um estilo de vida e examina a atualidade de uma constelação que vai de Sartre ao jazz. Num momento importante dessa entrevista, Contat aproxima o movimento “zazou” ao existencialista, afirmando que:

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Há nos dois movimentos um mesmo comportamento de ruptura, a provocação. Não há existencialismo, de Kierkegaard a Sartre que seja tomado por um pensamento sério. O instrumento do pensamento é a ironia. Se há um *pathos* entre eles, há ao mesmo tempo uma recusa da seriedade, da responsabilidade social no sentido de acreditar-se possuir direitos. O existencialismo supõe um comportamento rebelde, desrespeitoso, o que correspondia em Sartre a algo muito pessoal. (*Idem*, p. 20)

Como afirma Queneau (1986, p. 152), pela escolha de suas vestimentas e pelo gosto pelo *jazz*, os “zazous” reagiam contra a opressão que os ameaçava. Graças a eles, o resto da juventude conscientizou-se de seu próprio papel social e conseguiu vislumbrar novas possibilidades de uma atuação mais pragmática.

Em *A força da idade* (Beauvoir, 1960, p. 528), Simone de Beauvoir ressalta o desgosto da Revolução nacional, ressentido pelos “zazous”, bem como a maneira estranha de vestir-se e de comportar-se desse grupo — cabelos longos, à moda de Oxford, topetes frisados, um guarda-chuva no braço, os “zazous” davam festas nas quais embriagavam-se com música “swing”.

A moda existencialista, materializada também na música, encontra sua representação mais expressiva na voz de Juliette Gréco e no trompete de Boris Vian. Tendo sua mãe sido presa pela Gestapo, Juliette Gréco conhece, com quinze anos, a prisão e a Paris da guerra. Na liberação, ela participa do grupo que, juntamente com Anne-Marie Cazalis, anima o Tabou. Sua silhueta negra, ornada pelos longos cabelos, atrai os jornalistas. Sua foto aparece em *Samedi-soir* e ela torna-se imediatamente a “musa de Saint-Germain-des-Prés” e uma celebridade. Os burgueses a execram, a classe operária permanece distante, mas após um primeiro momento de resistência, o ódio do público cede lugar à admiração e até mesmo aos elogios.

O repertório de Gréco é variado. Ela coloca em primeiro plano a mulher, certo tipo de mulher, contemporânea do *Segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, que afirma seu direito à liberdade. De (*Je suis comme je suis* — Prévert/Kosma) a (*Je suis bien* — Bel Jouanest), é o mesmo tema que se apresenta, em suas canções, sob facetas variadas. Mas, seu traço verdadeiramente marcante é a interpretação: o modo de pronunciar as palavras, a voz impostada de maneira expressionista, o humor, o olhar distanciado, suas mãos que falam e,

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

sobretudo, seu corpo imóvel, moldado sob seu inconfundível vestido negro.

Último representante da raça de “hommes à tout faire”, Boris Vian e seu trompete fazem também parte integrante do clã de Saint-Germain-des-Prés. Fanático por *jazz* — ele tocava trompete no Tabou e escrevia na revista *Jazz-hot* — compositor, tradutor para viver, romancista por prazer, ele é igualmente membro ativo do *Collège de Pataphysique*.

Patafísica é uma palavra composta, em 1911, por uma brincadeira de Alfred Jarry, designando a ciência de soluções imaginárias. Ela denota a ciência do particular que traz soluções imaginárias aos problemas gerais. A patafísica é o alimento natural do patafísico, a geleia real do homem da rua. De acordo com Boris Vian, a patafísica é admiravelmente definida por Alfred Jarry, na obra, *Gestos e opiniões do doutor Faustroll*.

Desde sua morte prematura, em 1959, com 39 anos, o homem Vian, o personagem Vian continua a exercer sua sedução. As biografias vianienses, menos numerosas que as análises literárias, mas igualmente significativas, não param de surgir. Uma das mais significativas é a de Philippe Boggio (1993), aparecida pouco antes da publicação dos atos do vasto colóquio internacional Vian-Queneau-Prévert, ocorrido às margens do Pacífico, na Universidade Victoria.

A relação que une Boris Vian ao *jazz* explica, num certo sentido, a preferência dos existencialistas por essa música que representa um modelo de sociabilidade comunicativa, revelando-se a afirmação de uma liberdade coletiva onde cada um se expressa pessoalmente. Segundo Michel Contat (1994, p. 26), “uma orquestra de jazz que “carbura” que “swingue” é uma federação gratuita e instantânea de pessoas livres que permite o advento da beleza. [...] fazer “jazz” o social poderia perfeitamente bem ser a indispensável utopia existencialista”.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHIVES SONORES INA — Jean-Paul Sartre et la Tribune des Temps Modernes — automne 1947. (collection “Voix de l’histoire”), co-édition INA/Radio France, 1989.

BEAUVOIR, Simone. *La force de l’âge*. Paris: Gallimard, 1960.

———. *La force des choses*. Paris: Gallimard, 1963.

BOGGIO, Philippe. *Boris Vian*. Paris: Flammarion, 1993.

KANAPA, Jean. *L’existentialisme n’est pas un humanisme*. Paris: Ed. Sociales, 1947.

QUENEAU, Raymond. Batons, chiffres et lettres. **In:** ROBERT, Paul. *Le grand Robert de la langue française — Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française*. Tome IX. Paris: Dictionnaires Le Robert, 1986.

MAGAZINE LITTÉRAIRE, *L’existentialisme, de Kierkegaard à Saint-Germain-des-Prés*, n° 320, avril 1994, p. 16-109.

PERDIGÃO, Paulo. *Existência e liberdade*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. *L’être et le néant*. Paris: Gallimard, 1943.

———. *L’âge de raison*. Paris: Gallimard, 1945.

———. *Le Sursis*. Paris: Gallimard, 1945.

———. *L’existentialisme est un humanisme*. Paris: Nagel, 1946.

SARTRE, Jean-Paul et alii. *Pour ou contre l’existentialisme*. Paris: Atlas, 1948.